

## O homem que há de vir

"O homem", diz Filo de Alexandria, "é incapaz, por suas próprias forças, de livrar-se das misérias da existência terrestre". O reconhecimento da sua impotência ante as angústias da vida, expressa naquela frase, tem dominado, sempre, a grande massa. Por isso é que a humanidade torna sempre a sonhar a piedosa intervenção dum poder superior, vindo das esferas do Divino. Há de ser um divino Salvador que, por sua vinda e, as mais das vezes também, graças ao martírio voluntário de sua morte, aliviará os fracos mortais do terror e do sofrimento, operando, mágicamente, a redenção do mundo.

De novo, nesses sonhos messiânicos, vemos aliar-se a esperança da redenção ao medo do fim do mundo. Atribuições e provas extraordinárias têm de desabar sobre a terra antes que tenha chegado o tempo do Redentor. E' por isso que, em tôdas as épocas, um excesso de sofrimentos passa por ser justamente o sinal da próxima vinda do Salvador. Aquela crença na necessidade indispensável das "dôres messiânicas" explica também por que, tantas vezes, uma estranha nota de júbilo e de alegria se mistura às lamentações das vítimas de tais calamidades.

A crença do budismo na volta de Buda por ocasião de seu décimo e último avatara está intimamente ligada à expectativa do grande período de horror do "Calyuga", durante o qual "a miséria terrestre atingirá ao seu auge, até cessar o mal em consequência do próprio desaparecimento da velha terra. Segundo a mitologia hindú, a volta de Krishna no mundo será acompanhada da destruição de tudo o que existe.

Nossa civilização européia é saturada de esperanças messiânicas desde suas origens mais remotas. Já Virgílio não faz senão dar formas a um conceito transmitido de há muito, de geração em geração, quando, na sua quarta égloga, entoou um hino ao Redentor, a cuja vinda espera

assistir: "Sê propícia a esta criança que nasce trazendo ao mundo o fim da idade de ferro e o começo da idade do ouro. Viverá como um deus e verá os heróis misturados aos deuses, que o contemplarão admirados. Traz a paz ao mundo, regendo-o com a força do pai".

A ciência moderna tornou patente que a idéia do Messias aparecera relativamente tarde no judaísmo. Ficou até provado que a expressão "machiach" não era de origem hebraica e sim uma palavra tomada de empréstimo muito tarde à Assíria. Tudo isso não impede que o sonho do esperado Redentor encontre já, nos livros dos grandes profetas, uma expressão apaixonada. Uma vez volvidos os tempos, profetizam Ezequiel e Jsaías, o ungido do Senhor, depois dos horrores das "dôres do Messias", aparecerá na terra "como filho dum homem", erguerá seu reino e "julgará os pobres com equidade e fará justiça, no país, aos miseráveis".

O Redentor aparecerá a seus fiéis sob as mais diversas formas, consoante as misérias que alimentam a esperança de sua vinda. Os indianos de Omaha figuram o Salvador como um animal que desce em meio dos homens para ensinar-lhes a arte de preparar e de conservar a carne e, também, o segredo da immortalidade. Pois a este povo tão próximo da natureza os animais afiguram-se infinitamente mais perfeitos, mais poderosos e mais divinos do que o homem. Por isso mesmo é dos animais que vem a redenção da raça humana. O Paraíso, o reino da Felicidade e da Perfeição, segundo a crença dos Omahas, encontra-se nas profundezas das florestas, "além do grande lago", onde "os animais costumam reunir-se para deliberar".

Quer seja animal ou homem, o Messias esperado é sempre "alguém" que possui o poder de dominar as forças do Medo e da Angústia, um grande, vitorioso matador e subjogador dos maus demônios. Assim é que os Germanos esperam o nascimento do robusto Vida, que vencerá o lobo de Fenris. Na Babilônia, Marduk e Tamuz alternam como salvadores: Marduk, o deus do sol, que sai vencedor do combate sustentado contra seu adversário, o soberano das trevas e que traz o novo período de luz; Tamuz, o deus da primavera, que domina a cruel avareza hibernal da natureza.

Para os egípcios, como para o povo de Israel, o Redentor esperado toma, durante muito tempo, a figura dum rei, chefe de exército, que vence os opressores inimigos. Segundo as tradições egípcias, virá do sul e abaterá todos os inimigos. Consoante as profecias hebraicas, é um descendente do rei-herói, Davi, que está escolhido para assentar, outra vez, os alicerces da grandeza e do império do povo de Israel.

Aquele que traz a salvação guarda sempre o sinal infalível de sua missão divina. Possuidor duma natureza incorrupta, não enfraquecida, laços misteriosos prendem-no às forças do universo e, graças a essa comunhão de essência com as forças do cosmos, tem o dom de